

### O teatro na encruzilhada: o contexto dos dez primeiros anos do século XXI

A edição N° 7 da Revista Móin-Móin pretende refletir sobre o que vêm sendo produzido no teatro de formas animadas no Brasil nos dez primeiros anos do século XXI. A idéia é pensar sobre processos de criação, ações formativas/eventos, e mudanças que vêm acontecendo em diferentes contextos brasileiros. Estudar este tema é fundamental porque é possível registrar, neste período de 2000 a 2009 no Brasil, um conjunto de atividades e iniciativas sobre o teatro de formas animadas que merecem reflexão tais como: a multiplicação de festivais e eventos que tem dado grande visibilidade a essa arte; o fortalecimento e a consolidação do trabalho de grupos de teatro revelando o aprofundamento e o domínio da linguagem do teatro de animação; a hibridação de espetáculos que, cada vez mais, rompem as fronteiras do teatro de bonecos; a “contaminação” do teatro de atores com elementos da linguagem do teatro de animação. Ao mesmo tempo, o mercado, as leis de fomento à produção e à circulação de espetáculos pelo Brasil, oferecem benefícios e impõem exigências, o que remete a pensar sobre em que medida isso interfere nos processos criativos dos artistas e dos grupos.

A reunião de artigos sobre tema tão importante e amplo criou, inicialmente, a idéia de produção de um dossiê, agora denominado de **Cenários da criação do Teatro de Formas Animadas no Brasil**. A opção pela expressão *cenários* possibilita ver o conjunto de textos como visão partilhada pelos autores sobre o contexto atual da produção dessa arte, ao mesmo tempo em que permite perceber o olhar em processo, particular, de cada colaborador, sobre o ambiente em que o teatro de animação é criado. Os *cenários* aqui apresentados são múltiplos, peculiares e no seu conjunto fornecem uma primeira visão, um panorama sobre diversos aspectos dessa arte no Brasil.

Cinco artigos descortinam um *cenário* que pode ser denominado como o da “contaminação” do teatro e da dança pelo teatro de animação. Sandra Meyer analisa a idéia de marionete como metáfora do corpo à luz da experiência de dois grupos de dança: a Cia. Cena 11 de Florianópolis e a Cia. Marta Soares de São Paulo. Luís Artur Nunes, diretor de teatro, destaca a importância de jogos que viveu com Richard Schechner, para a sua incursão pelo universo do teatro de formas animadas ao encenar espetáculos com atores. O diretor, ironicamente, denomina sua experiência na interface com o teatro de animação de “intuitiva e irresponsável”. Zilá Muniz reflete sobre seu trabalho como diretora e coreógrafa no qual se realiza o encontro do boneco/alegoria e do bailarino marionetizado com a dança. Fábio Henrique Nunes Medeiros analisa espetáculos dos grupos Giramundo, Cia. Pequod e Cia. Teatro Lumbra e evidencia a existência de procedimentos como hibridação e antropofagização nos procedimentos criativos dos espetáculos dos grupos mencionados. Ipojucan Pereira discute as relações entre corpo e objeto e trabalha o procedimento que denomina de “mascaramento do corpo” presente em diversos espetáculos. Estes cinco estudos configuram um *cenário* que coloca a dança, o teatro, as artes visuais, e o teatro de formas animadas no cruzamento, tornando-as artes híbridas.

Um segundo e amplo *cenário* é apresentado por sete artigos que analisam situações concernentes às poéticas de espetáculos e novas tendências no contexto brasileiro. O Teatro de Objetos, linguagem

que começa a ganhar visibilidade no Brasil com a realização do FITO – Festival Internacional de Teatro de Objetos é discutido por Sandra Vargas. Seu artigo problematiza concepções entre Teatro de Objetos e Teatro de Bonecos feito com objetos, talvez, procedimento mais recorrente hoje no nosso país.

Dois temas raramente estudados no teatro de formas animadas são figurino e cenografia. Amabilis de Jesus, ao analisar o tratamento dado ao figurino em diversos espetáculos que se apresentaram em Festivais no princípio deste século no Brasil, brinca com a máxima: “o hábito faz o monge”. Nesse jogo, seu texto discute a materialização das subjetividades presente em personagens. Osvaldo Anzolin escreve sobre aspectos estéticos, simbólicos e funcionais da cenografia e instiga o leitor a pensar na maneira como o tema é tratado, atualmente, nos espetáculos de teatro de animação.

O trabalho do ator-animador é contemplado em dois artigos. Caroline Holanda remete o leitor a pensar que hoje, o trabalho desse artista já não se dá somente pela intuição, mas exige o domínio de técnicas próprias desse campo de atuação. A sistematização do trabalho do ator no teatro de formas animadas tem construído um conjunto de saberes imprescindíveis para a sua realização. Nessa mesma direção, Kely de Castro defende que existem especificidades que merecem observância no trabalho desse artista. Suas idéias se comprovam no acompanhamento da atuação dos elencos de quatro grupos de teatro de São Paulo: Sobrevento, Seres de luz, Morpheus e Cia. Truks.

Carlos Augusto Nazareth apresenta outra faceta deste *cenário*: o teatro produzido para crianças e jovens na cidade do Rio de Janeiro. O autor amplia a discussão ao destacar que existem visões sobre a criança em diferentes períodos da história no Ocidente e que a idéia de infância é construção social que reflete particularidades da cultura e do contexto onde está inserida.

Nosso Mamulengo é discutido por Adriana Schneider Alcure que evidencia a multiplicidade de visões sobre essa arte. Tal tradição, viva da Zona na Mata Pernambucana, é recriada em outros *cenários* e por isso hoje é possível falar de Mamulengo “fora de lugar”. Seu

artigo chama a atenção para a complexidade e heterogeneidade dessa manifestação o que exige um olhar mais atento e disposto a perceber que é uma arte que dialoga com a contemporaneidade.

Dois artigos apresentam outro *cenário*, e analisam os festivais de teatro de animação no Brasil. Miguel Vellinho destaca em seu artigo, as evidentes transformações ocorridas no modo de pensar e organizar estes eventos. Em seguida, destaca sua importância para a circulação de espetáculos e acesso da população a tais bens, ao mesmo tempo em que questiona o comportamento e opções de seus curadores na definição do perfil destes festivais. O último artigo discute o Festival de Teatro de Formas Animadas de Jaraguá do Sul, objeto de análise de seus organizadores, Ana Paula Moretti Pavanello Machado e Gilmar Antônio Moretti. Apoiado em idéias de História Cultural, o artigo demonstra a importância desse acontecimento na recuperação da memória artística da cidade e os sentidos do evento para a região.

O conjunto de textos dessa edição apresenta ainda um *cenário* novo, certamente impensável há alguns anos atrás: a presença de jovens pesquisadores, formado por mestres, doutorandos e ou recém doutores, que pela primeira vez escrevem para a Revista. Essa nova situação denota que, diversos Programas de Pós-Graduação em Teatro e Artes, têm acolhido projetos de pesquisa sobre teatro de formas animadas. Alguns dos artigos aqui publicados resultam de estudos realizados em tais Programas.

A edição da Revista Móin-Móin N.7 permite perceber as singularidades do teatro de formas animadas do Brasil no início deste século. Evidencia a existência de cenários diversificados, que constituem realidades em mutação contínua, com proposições variadas e que, longe de indicar uniformidade, situam essa arte no cruzamento, no permanente diálogo com outros campos de expressão e de conhecimento.

Valmor Nini Beltrame  
UDESC

Gilmar Antônio Moretti  
SCAR